

Comunicação, Sociedade e Teorias da Comunicação: Uma análise crítica do social a partir do filme O Show de Truman sob a luz da teoria da Sociedade do Espetáculo¹

Arthur F. SIMÕES PIRES²

Prof^ª Dr^ª Marislei RIBEIRO³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS

Resumo

O artigo tem por objetivo gerar uma reflexão sobre a sociedade contemporânea por meio da obra cinematográfica O Show de Truman (1998) a partir da teoria comunicacional A Sociedade do Espetáculo (1967), de Guy Debord. A ideia central do trabalho é analisar as relações interpessoais de dentro do filme e contribuir para uma crítica e reflexão sociais. A leitura fílmica foi embasada pela obra O Legível e o Visível do Cinema (2014), de Mahomed Bamba, de forma que busca entender a condução dos elementos do filme para sua mensagem.

Palavras-chave: Comunicação, Sociedade, Teorias da Comunicação

O objeto da pesquisa é um longa-metragem o qual foi lançado no ano de 1998. A obra cinematográfica pauta um reality show centralizado na transmissão da vida de um homem, sem ele ter ciência deste programa.

O intuito do trabalho é analisar o comportamento de alguns personagens – em cenas específicas – e suas atitudes e relações em algumas situações e relacioná-los com a teoria da Sociedade do Espetáculo, escrita por Guy Debord.

O filme a ser analisado se encaixa na teoria por trazer uma relação bastante atual entre reality shows, o envolvimento dos seus participantes, a relação da audiência com este programa e o impacto causado.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017

² Aluno do 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, e-mail: grohsarthur@gmail.com;

³ Professora orientadora do trabalho. Professora adjunta do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, e-mail: marisrib@terra.com.br;

Para a realização da pesquisa a obra cinematográfica foi assistida com pausas, a leitura do livro *A Sociedade do Espetáculo* foi feita, além pesquisa sobre autores que falam sobre a obra de Debord.

A Sociedade do Espetáculo critica o sistema o qual o mundo está inserido, o sistema capitalista, e alguns mecanismos dele. Homogeneização da cultura, alienação de classes, conformismo social, cultura de massa e individualismo são aspectos os quais Debord é grande repreensor em suas obras.

Visto que a sociedade contemporânea ainda lida com estes problemas, a ideia de analisar um filme que trata da relação humana com um reality show e a forma a qual as pessoas interagem com ele e relacionar com eventos semelhantes na contemporaneidade é a principal razão do trabalho.

Tema

Lançado em 1998, o filme “*Show de Truman*” conta a história de Truman Burbank em uma fase de sua vida adulta. O background do personagem e do enredo implica na vida deste homem. *Show de Truman* nada mais é do que o maior reality show da televisão dos EUA onde toda a vida de Truman havia sido transmitida através de um canal de televisão, nascimento, escola, romances etc.

Dentro da obra cinematográfica, um número próximo da totalidade das pessoas envolvidas com Truman Burbank diretamente são atores, poucas pessoas “fogem” do papel e veem Truman como uma pessoa.

No livro *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord, o autor trata de sociedades as quais se isolam através de espetáculos, e seus cidadãos veem quase como “universos paralelos”, mundos distintos:

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais possa ser reestabelecida. A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte o objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo.⁴

⁴ DEBORD, Guy **A Sociedade do Espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 13.

Debord analisa o espetáculo como um aglutinador do público, ou seja, a atração interfere na vida da audiência indiretamente, aproximando pessoas por conta dele. No filme este fator pode ser notado ao passo que muitas cenas do reality são assistidas em bares, casas e lugares abarrotados de pessoas.

As teorias trabalhadas

O trabalho apresentado visa analisar o filme O Show de Truman a partir da obra de Guy Debord, A Sociedade do Espetáculo. De forma que elencará aspectos da obra de Debord que se relacionam com o objeto cinematográfico em questão.

A Sociedade do Espetáculo foi escrita pelo cineasta, escritor e teórico francês, Guy Debord. A obra contém 221 teses onde Debord critica a vida social humana – basicamente, cada parágrafo do livro é uma tese diferente, e todas são enumeradas e divididas entre os capítulos com sua temática principal. O tal espetáculo seria a imagem de uma sociedade com atividades legítimas da sociedade real.

Na obra escrita por Guy Debord em 1967, o autor critica a sociedade atual, leia-se, o consumismo, o culto a “perfeição estética” e a forma a qual a economia se sobrepõe na vida das pessoas como prioridade.

A sociedade que se baseia na indústria moderna não é fortuita ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente *espetaculoísta*. No espetáculo da imagem da economia reinante o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo.⁵

Debord usa o conceito fetichismo da mercadoria, de Karl Marx, criando uma espécie de “metáfora conceitual”, quando ele critica os espectadores, guiados pelas imagens do espetáculo.

No conceito de Marx, o pensador alemão coloca a relação do ganho de valor comercial de uma mercadoria, afastando-se do trabalho humano que o precedeu, como se o objeto ganhasse valor próprio e independente de sua fabricação (seja ela manual ou não).

⁵ DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 17.

Especialmente pelo fato da temática do filme ser em torno de um reality show contribui para que a avaliação não deixe de ser contemporânea, levando em conta os inúmeros reality shows que são televisionados ao redor do mundo.

A teoria da Sociedade do Espetáculo critica a alienação de classes – implicando numa indiferença social – numa homogeneização da cultura e na cultura de massas, uma das marcas do capitalismo na comunicação:

A ideologia é a *base* do pensamento de uma sociedade de classes, no curso conflitante da história. Os fatos ideológicos não foram nunca simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, como tais, fatores reais, exercendo, por sua vez, uma real ação deformante; tanto mais que a materialização da ideologia provocada pelo êxito concreto da produção econômica autonomizada, na forma do espetáculo, praticamente confunde com a realidade social uma ideologia que conseguiu recortar todo o real de acordo com seu modelo.⁶

O principal ponto da crítica d'A Sociedade do Espetáculo é a forma a qual a economia tomou importância na vida particular das pessoas, a homogeneização da cultura, a cultura de massas e a alienação de classes.

Para a compreensão da leitura fílmica, A obra O Legível e o Visível do Cinema, de Mahomed Bamba, foi utilizado como base. De forma que para o entendimento da linguagem cinematográfica deve ser compreendido através do gestual dos elementos do filme.

Este trabalho utiliza da maneira a qual o autor costamarfinense trata os elementos dos filmes para a leitura de seus significados e meios de condução, como poderá ser lido ao longo do trabalho.

Diferenciação entre Sujeito e Personagem

A diferenciação dos termos utilizados neste trabalho deve ser realizada uma vez que são parte preciosa da análise. O esclarecimento dessa questão dá-se na forma a qual a vida de ambos é conduzida, de forma que o personagem é quase imortal.

⁶ DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 137.

Ao desligar o televisor, ao fim do programa etc, ele não tem sua vida posta a risco ou um futuro a zelar: o personagem tem a vida roteirizada com início, meio e fim pré-datados. O personagem é artificial.

O sujeito, por sua vez, é o cidadão, é um ser humano real o qual tem preocupações reais e que tem parcela importante em sua vida. O sujeito é o público, é atraído pelo espetáculo, enquanto o personagem é o espetáculo.

O espetáculo é sempre superficial. O espetáculo busca um gancho para a identificação, ele tem seu futuro e passado escritos e imutáveis, independe de um poder maior. Enquanto o sujeito (ou a vida real) mudam constantemente e está interligado a outros aspectos sociais (outros sujeitos, sistemas de governo, questões cotidianas). Em resumo, o personagem não é real apesar de ter semelhanças com o sujeito.

O filme

O longa metragem pauta a vida de um ser humano, chamado Truman Burbank, em forma de reality show (*o espetáculo*) sendo televisionado para os Estados Unidos da América inteiro. Truman Burbank teve seu nascimento, infância, adolescência e – momento o qual se passa o filme – fase adulta transmitidos como líder de audiência.

Truman não é visto como um ser humano aos olhos de Christof, o diretor do programa, e nem da maior parte da audiência, mas como um personagem. O show é basicamente como uma realidade paralela e semelhante da realidade vivida pela audiência, que se amontoa em bares, restaurantes e casas para ver a rotina do personagem principal.

A vida de Truman não teve roteiros, segundo o Christof, mas, sim, pequenas interferências. Desta forma as principais pessoas ao redor de Truman são atores hollywoodianos e, com isso, não haveriam segredos que Truman pudesse esconder.

Ao longo da história do protagonista, algumas pessoas tentam interferir no reality para tentar informar a Truman que sua vida lhe havia sido “roubada”, ou “enjaulada”. Uma simulação da morte do pai – durante uma viagem de pesca – causou traumas ao personagem principal, por conta disso, Truman tinha medo de qualquer tipo de viagem sobre água.

Uma personagem em especial deve receber destaque, Sylvia (ou, inicialmente, Lauren Garland), o grande amor de Truman. Por várias vezes qualquer aproximação entre os personagens fora evitada, mas por um deslize da direção, Truman e Sylvia

conseguem fugir para a praia e Sylvia tenta alertá-lo do fato que, literalmente, todos – com exceção dela – são quem dizem ser. No instante seguinte um ator leva-a do local e informa Truman de que eles estariam se mudando para as Fiji e ela nunca mais torna ao programa. Truman não reconhece como um evento isolado e guarda memórias dela por anos.

O tempo passa e “O Show de Truman” – o programa – só fica maior. Mais patrocinadores, mais Merchant e alterações nas falas dos personagens com maior proximidade e intimidade a Truman. Aos poucos Truman suspeita sobre a artificialidade dos diálogos com sua esposa, Meryl.

Por erros da figuração e pela imprevisibilidade humana de Truman, ele inocentemente encara parte dos bastidores do programa. Mais erros técnicos causam a estranheza em Truman quando ele parece ter encontrado seu pai, vestido como um mendigo, e figurinistas apanham-no para uma suposta aplicação de medidas severas contra o número de mendigos na cidade. Aliás, todo erro técnico, como a queda de uma lâmpada, acaba indo para a rádio local e o jornal local no dia seguinte.

Mas o maior erro técnico seria uma falha no carro de Truman, ocasionando com que ele ouvisse seus movimentos narrados por alguém da direção. A partir deste momento, o protagonista começa a suspeitar de tudo e acaba se envolvendo num conflito verbal com sua esposa – a qual estava fazendo merchandising de uma faca de cozinha durante a discussão. Truman tenta desarmá-la e ela pede ajuda à direção, fazendo com que ele fique ainda mais cético quanto seu universo.

Em uma entrevista a um renomado talkshow, Christof é questionado sobre Truman nunca entrar em conflito quanto sair da cidade. A resposta dele se dá por “nós aceitarmos o mundo com o qual nós somos apresentados”.

Por fim, o personagem principal simula que está dormindo, no porão, cava um buraco para seu jardim, a partir do armário do porão, pega um barco e tenta fugir de Seahaven. Christof ordena o lançamento de raios, tempestades e ventos babilônicos para que Truman desista. Neste trecho do longa-metragem, um dos subordinados do diretor o indaga sobre a possibilidade de morte de Truman, mas Christof ignora e aumenta a tormenta sobre o protagonista.

Truman sofre um breve desmaio e ao recuperar a consciência, seu barco colide com uma parede, a parede do fim do cenário. Christof tenta dissuadi-lo da ideia de partir para a vida real, sem sucesso.

A teoria aplicada

Na obra escrita por Guy Debord em 1967, o autor critica a sociedade em que ele vivia. Questões como consumo desenfreado, culto a “perfeição estética” e a forma a qual a economia se sobrepõe na vida das pessoas como prioridade, são alguns dos pontos os quais o escritor francês

Debord usa o conceito fetichismo da mercadoria, de Karl Marx, Debord cria uma espécie de “metáfora conceitual”, quando ele critica os espectadores, guiados pelas imagens do espetáculo.

No conceito marxista, o pensador alemão coloca a relação do ganho de valor comercial de uma mercadoria, afastando-se do trabalho humano que o precedeu, como se o objeto ganhasse valor próprio e independente de sua fabricação (seja ela manual ou não).

O escritor francês, por sua vez, critica o fato de que o espetáculo seja algo como uma realidade paralela, sem necessariamente ligação com a “realidade verdadeira”. De forma que o espetáculo seja formado por imagens, as quais prendem a audiência com seu valor próprio, uma identificação pessoal. Isto pode ser notado nitidamente no objeto de estudo nas cenas que dezenas de pessoas se juntam em bares e afins para acompanhar o reality show, a forma com a qual o reality liga o espectador ao personagem.

As imagens podem ser vistas como facetas da rotina do personagem principal, Truman Banks, por exemplo, os momentos o qual ele interage consigo mesmo, a relação dele com as pessoas próximas etc. São fragmentos da vida os quais a audiência se identificaria e estimularia a acompanhar mais o programa, dentro da obra.

Além do livro, A Sociedade do Espetáculo também foi um filme (estreado em 1973) o qual Debord faz uma crítica a utilização da cultura de forma perversa – naquele tempo, na França, havia ocorrido há pouco o que fora chamado “Maio de 68”, um movimento que buscava reformas educacionais. No filme d’A Sociedade do Espetáculo, as imagens e a narração não são sincronizadas ou organizadas, as imagens não obedecem ao narrador. Isto pode ser facilmente conectado a todas as cenas as quais Truman Burbank tenta agir de forma contraditória ao que Christof quer. Momentos os quais os figurantes agem quase como um serviço secreto e tentam “por Truman no eixo”.

Ao longo do filme, o reality show capta cada vez mais anunciantes, exigindo que os autores fizessem propagandas para os determinados produtos. “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna a imagem”.⁷

Guy Debord, autor de *A Sociedade do Espetáculo*, era marxista, uma de suas marcas registradas eram as críticas à alienação das classes, o que pode ser visto em *O Show de Truman* ao passo que a audiência não encarava Truman Burbank como uma pessoa em uma espécie de bolha, um afastamento de uma vida normal. Mas como um personagem de um programa de entretenimento.

A linguagem cinematográfica

A obra *O Show de Truman* não é uma crítica direta à sociedade ou a ações que os sujeitos cotidianos tomam, mas sim uma crítica velada. “Para a maioria dos pesquisadores, não há dúvida de que qualquer filme (narrativo ou não narrativo) é um ato de discurso que, como as formações verbais, é marcado pela existência de um processo de apropriação e de ‘conversão individual da língua em discurso’”⁸. A relação de tratamento entre Truman e os demais atores participantes do reality – contratados para interpretar familiares, conhecidos, amigos e pessoas que participam da rotina do protagonista – é uma crítica ao individualismo.

Durante o filme existem vários momentos em que o expectador pode refletir sobre as relações interpessoais dentro dele. A forma de linguagem do filme é sugestiva, ou seja cada um tem a sua percepção ao assistir, de forma que o expectador cria “caminho crítico” e – por conta de suas características pessoais – dá à obra um teor mais crítico ou puramente de entretenimento.

É a partir das expectativas do espectador que cada tipo de construção textual será identificado e aceito como mais ou menos uma narrativa ou mais ou menos uma enunciativa. Por exemplo, qualquer modalidade de escolhas estéticas, de utilizações marcadas ou de jogo deliberado com regras de construção discursiva de um gênero fílmico poderá ser percebida como enunciativa.⁹

⁷ DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p.25.

⁸ BAMBA, Mahomed. **O legível e o visível no cinema**: o signo escrito na construção e na leitura fílmicas. Curitiba: Appris, 2014. p.158.

⁹ BAMBA, Mahomed. **O legível e o visível no cinema**: o signo escrito na construção e na leitura fílmicas. Curitiba: Appris, 2014. p.161.

Este trabalho analisa o objeto de pesquisa do considerando-o mais enunciativo do que narrativo, uma vez que o andar do longa-metragem é dado muito mais pelo desenvolvimento de Truman Burbank, o qual age como fio condutor, e não por outros elementos. Os únicos fatores que acabam sendo ressaltados é a forma como o staff (atores, direção etc) do reality show se refere ao protagonista e suas tomadas de decisões.

A maneira de condução do filme tem a reflexão muito mais implícita, os elementos particulares dos personagens principais do enredo não são verbais, mas gestual (se vê em suas ações).

Considerações finais

A obra cinematográfica d'O Show de Truman é quase uma personificação da teoria formulada por Guy Debord devido aos acontecimentos nitidamente correspondentes com a obra do francês.

Especialmente pelo fato da temática do filme ser em torno de um reality show contribui para que a avaliação não deixe de ser contemporânea, levando em conta os inúmeros reality shows que são televisionados ao redor do mundo.

A teoria da Sociedade do Espetáculo critica a alienação de classes – implicando numa indiferença social – numa homogeneização da cultura e na cultura de massas, uma das marcas do capitalismo na comunicação. O Show de Truman nada mais é do que uma forma de cultura de massa, ao passo que o diretor da série, Christof, chegou a dizer: “tudo que está n'O Show de Truman é vendido. “

Em cenas cotidianas pode ser observado com facilidade o individualismo enraizado culturalmente, onde o lucro e o ser humano têm o mesmo valor (ou o lucro tem valor maior). Não somente numa relação interpessoal, mas com relação à natureza também. A coletividade é secundarizada quando o sujeito se coloca como sujeito de si mesmo, e não parte do todo.

Uma teoria crítica como esta não se altera, pelo menos enquanto não forem destruídas as condições gerais do longo período histórico que ela foi a primeira a definir com precisão. (...) Os mais iludidos desta época já devem ter percebido, por todas as dificuldades que enfrentaram desde então, qual era o significado da “negação da vida que se tornou visível”, da “perda da

qualidade” ligada à forma-mercadoria, e da “proletarização do mundo”.¹⁰

A obra cinematográfica coloca a questão conflitante entre os personagens, um visando o lucro e o sucesso pessoal, com grande influência, (Christof) e outro pensando coletivamente e sem nenhum poderio político ou econômico comparável (Sylvia). O Show de Truman é a representação viva do capitalismo inserido na cultura do entretenimento, da alienação na percepção humana das classes, algo abominado por Guy Debord e sua Sociedade do Espetáculo.

Referências Bibliográficas

BAMBA, Mahomed. **O legível e o visível no cinema: O signo escrito na construção e na leitura fílmicas**. Curitiba: Appris, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.

DLUGOKENSKI, Leonardo. **O Fetichismo da mercadoria na obra de Karl Marx**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/o-fetichismo-da-mercadoria-na-obra-de-karl-marx/>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

PORTELA JÚNIOR, Aristeu. **Para Compreender a Sociedade Espetacularizada: revisitando o pensamento de Guy Debord**. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/6312/5736>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

O SHOW DE TRUMAN – o show da vida. Direção: Peter Weir. Fotografia Peter Biziou. [S.l.]: Paramount Pictures, 1998. Duração: 103 min. Título original: The Truman Show.

SIQUEIRA, Vinícius (Comp.). **Guy Debord e A Sociedade do Espetáculo**. 2017. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2013/05/guy_debord_e_a_sociedade_do_espetaculo.html>. Acesso em: 4 mar. 2017.

¹⁰ DEBORD, Guy **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p.9.